

A relevância do contexto na mudança por gramaticalização tempo>conclusão do jutor *então*

(The relevance of the context in the change by grammaticalization time>conclusion of the item *então*)

Glauca Andrioli Chiarelli

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista (UNESP)

glauca.ch@hotmail.com

Abstract: In this paper, we analyze aspects related to the grammaticalization of the Portuguese item *então*, especially the emergence of the functions *time sequence* and *conclusion*. Considering that cognitive and pragmatics aspects work together in the development of grammatical items and that there is a genetic relation between these two functions of *então*, we analyze the abstractization of meaning that followed the change from time sequence to conclusion and the linguistic contexts that were responsible for that change. To achieve our goals, our analysis is based on Heine et al. (1991) and mainly on the context model by Heine (2002).

Keywords: grammaticalization, metaphor, linguistic context, *então*.

Resumo: Neste artigo, investigamos aspectos relativos à gramaticalização do item *então*, particularmente a respeito da emergência das funções denominadas *sequencial temporal* e *conclusiva*. Considerando que aspectos cognitivos e pragmáticos interagem para o desenvolvimento de itens gramaticais, e considerando também que existe uma relação de precedência entre essas duas funções de *então*, analisamos a abstratização de significado que acompanhou a mudança da função sequencial temporal para a função conclusiva, bem como os contextos linguísticos responsáveis por essa mudança. Para tanto, fundamentamo-nos nos pressupostos de Heine et al. (1991) e principalmente no modelo de contexto de Heine (2002).

Palavras-chave: gramaticalização; metáfora; contexto linguístico; *então*.

Introdução

Alguns pesquisadores, como Tavares (1999 e 2003), Martelotta e Silva (1996), Pezatti (2001) e Risso (1996), já mostraram que *então* é um item multifuncional. Esses autores apontaram, por exemplo, que *então* exerce desde uma função mais básica e concreta como a de advérbio temporal até uma função mais abstrata, como um marcador discursivo.

Tavares (2003), a partir de amostras diacrônicas, comprovou que há uma relação genética entre algumas das funções desempenhadas por esse item, ou seja, alguns padrões de *então* derivaram de outros, por um processo de gramaticalização. A autora constatou, por exemplo, que a função que ela denomina *sequencial temporal* originou a função denominada *introdutora de efeito*. No primeiro uso, *então* interliga eventos que se sucedem temporalmente, assumindo valor de “a seguir”. No segundo, *então* introduz um evento que representa uma consequência ou conclusão do evento anterior e possui valor de “por isso”, “portanto”. Segundo a autora, a sequencialidade de eventos no tempo deu origem à sequenciação no discurso de causa e efeito, em que a consequência/conclusão é posterior à causa.

A respeito do uso de *então* em sua esfera conclusiva, Pezatti (2001) trouxe importantes reflexões, ao verificar que esse item está ainda a caminho de gramaticalizar-se como uma conjunção coordenativa conclusiva, na medida em que ele

não assimilou todos os traços para ser considerada uma conjunção prototípica, pois preserva, ainda, características de advérbio, como (i) conservação do sentido anafórico, (ii) posição móvel na sentença e (iii) possibilidade de ser precedido por outra conjunção.

A partir dessas considerações e, reconhecendo a flutuação inerente ao elemento *então*, nosso interesse recai nos dois padrões de *então* mencionados anteriormente (*sequencial temporal e conclusivo*), com a finalidade de aprofundar o estudo dos processos que desencadearam essa mudança semântica, especialmente no que concerne à atuação do contexto linguístico.

É importante ressaltar que Tavares (1999) distingue diversos padrões conclusivos, como, por exemplo, o *finalizador*, *alternativo* e *inferidor*. De acordo com a autora, *então finalizador* introduz uma oração que marca o final de um tópico ou subtópico; o *alternativo*, juntamente com a conjunção *ou*, introduz uma oração que representa uma opção em relação a uma informação dada anteriormente e o *inferidor* introduz uma informação que representa uma inferência, uma conclusão do falante a partir da fala de seu interlocutor. Pezatti (2001), por sua vez, distingue a atuação do juntor *então* no nível do *dictum* e do *modus*. No primeiro caso, conforme a autora, *então* pode exprimir nexos semânticos de *causa-consequência*, indicando uma relação objetiva entre fatos que existem no mundo; no segundo, o item introduz uma *conclusão do falante*, configurando momentos de uma argumentação (PEZATTI, 2001). Porém, neste artigo englobamos essas diferentes funções conclusivas descritas por Tavares e Pezatti em apenas um padrão, que denominamos *então conclusivo*, uma vez que não é objetivo neste trabalho caracterizar as especificidades do sentido conclusivo estabelecido por esse juntor.

Desse modo, nosso propósito é investigar os aspectos cognitivos e pragmáticos envolvidos no processo de gramaticalização que levou *então* sequencial temporal a funcionar como conclusivo, entendendo por aspecto cognitivo a atuação da metáfora e por aspecto pragmático, a atuação do contexto linguístico, também referido em termos de metonímia.

Gramaticalização

Há uma evidência nos estudos linguísticos que mostra que as gramáticas das línguas são constantemente remodeladas, por meio de processos de mudança que reutilizam material da própria língua. A gramaticalização é um processo muito produtivo para esse fim.

O interesse pelo processo de gramaticalização é bem antigo, mas foi com o linguista Meillet que o termo “gramaticalização” foi primeiramente empregado e definido como um processo em que há “atribuição de função gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 22).

Esse conceito foi ampliado e refinado, e hoje a maioria dos autores em gramaticalização, como Heine et al. (1991), Heine (2003) e Hopper e Traugott (2003), concordam que a gramaticalização pode ser vista enquanto processo e paradigma. Enquanto processo, ela é entendida como o estudo de formas gramaticais, vistas à luz de um processo lento e gradual pelo qual itens lexicais e construções vêm, em certos contextos, a servir funções gramaticais e como formas gramaticais desenvolvem novas funções gramaticais. Enquanto paradigma, a gramaticalização daria conta de reconstruir aspectos da gênese e do desenvolvimento de formas gramaticais.

O princípio fundamental da gramaticalização é a unidirecionalidade, em que há uma tendência de formas lexicais ou menos gramaticais passarem a mais gramaticais. A gramaticalização conta com alguns mecanismos que explicam essas mudanças envolvidas no processo.

De acordo com os autores mencionados, no processo de gramaticalização de um item ou construção há uma unidirecionalidade no sentido à abstratização de significado, ou seja, formas mais concretas são utilizadas para explicar formas mais abstratas.

A mudança por gramaticalização implica também mudanças morfossintáticas, constituindo o sintoma mais saliente de que a gramaticalização ocorreu. Assim, como na mudança semântica, as alterações morfológicas e sintáticas também pressupõem uma única direção. De acordo com Hopper e Traugott (2003), no que se refere à mudança morfológica, a gramaticalização pode resultar na criação de formas presas, como afixos flexionais, podendo seguir o seguinte cline:

(1) palavra lexical > palavra gramatical > clítico > afixo flexional

Com relação à mudança sintática, os autores afirmam que a gramaticalização pode implicar uma alteração categorial, em que um item de uma classe mais lexical passa a funcionar como um elemento de uma classe mais gramatical. Hopper e Traugott (2003) propõem a seguinte escala:

(2) categoria maior > categoria intermediária > categoria menor

A categoria maior engloba nomes e verbos; a categoria intermediária, adjetivos e advérbios, enquanto a categoria menor reúne conjunções, preposições, auxiliares e pronomes.

Segundo Heine (2003), como resultado da gramaticalização, é também comum ocorrer uma perda de substância fonética, chamada de erosão, que pode ser perda de segmentos fonéticos, de propriedades segmentais, bem como suprasegmentais, perda de autonomia fonética e simplificação fonética. No entanto, o autor salienta que a erosão não é algo necessário no processo de gramaticalização.

Desse modo, várias alterações acompanham a gramaticalização de um item. Neste trabalho, recortamos as mudanças de sentido decorrentes do processo de gramaticalização de *então*, com a finalidade de destacar como o contexto linguístico favoreceu a mudança que levou a sequenciação no tempo a funcionar como uma conclusão.

Alterações semânticas

Para a descrição do processo por meio do qual formas que codificam experiências humanas mais concretas adquirem funções menos concretas, há duas linhas principais que captam propriedades complementares do processo: o *modelo da transferência* e o *modelo de contexto* (HEINE, 2003).

Modelo da transferência

O modelo da transferência, fundamentado na cognição, pressupõe que há padrões de transferência conceitual que partem de domínios mais concretos da experiência humana (objetos, movimento físicos, espaço) para domínios mais abstratos como, por exemplo, tempo, causa, concessão, entre outros. Nesse modelo, temos a

atuação da metáfora, conceituada por Hopper e Traugott (2003) como um processo pelo qual há transferência de um significado básico, mais concreto, para um mais abstrato, envolvendo uma projeção de domínios, geralmente referidos como “saltos associativos”. A motivação estaria nas relações icônicas e analógicas. Heine (2003) estabelece o seguinte cline que reproduz um padrão de transferência metafórica:

(3) pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade

De acordo com o autor, *qualidade* é uma categoria genérica que engloba várias relações lógico-semânticas, tais como causa, condição, conclusão, concessão, finalidade, entre outras.

Com isso, um item do domínio cognitivo mais à esquerda (mais concreto) pode ser recrutado a fim de explicar um conceito mais à direita (mais abstrato).

A projeção metafórica, portanto, prediz a possível direção de mudança de um item, entretanto não é capaz de recuperar os estágios intermediários da mudança, que é lenta e gradual.

Modelo do contexto

A fim de recuperar os estágios intermediários da mudança semântica de um item, Heine (2003) chama a atenção para o modelo do contexto, que capta exatamente a gradualidade da mudança gramatical. O modelo do contexto, fundamentado na pragmática, pressupõe que a gramaticalização requer contextos apropriados para ocorrer, o que leva ao aumento do número de contextos em que o item é usado, e, conseqüentemente, leva ao aumento da frequência de uso do item. São noções chave desse modelo *reinterpretação induzida pelo contexto*, *inferência pragmática*, *implicatura conversacional* e *metonímia*. Segundo Heine, “what characterizes this development is a gradual extension where each context constitutes a new locus of change”¹ (2003, p. 587).

Em particular, Heine (2002) mostrou que o desenvolvimento diacrônico de itens gramaticais pode ser descrito por meio de um roteiro de estágios sucessivos, associados a diferentes tipos de contextos. Dessa forma, Heine estabelece que, do significado fonte (mais concreto ou menos abstrato) para o significado alvo (mais abstrato), estão envolvidos três tipos de contextos que devem ser distinguidos: contexto *bridging*, contexto *switch* e convencionalização.

O primeiro é a ponte para a mudança, pois processos inferenciais sugerem uma nova interpretação para o item. Heine argumenta que o contexto *bridging* corresponde ao que Diewald (1999 – apud HEINE, 2002) denomina de *contexto crítico*, que se refere a uma ambigüidade semântica na interpretação do item em questão. Heine (2002) explica que, embora o significado alvo seja o mais favorável a ser inferido, ele ainda é cancelável, pois a interpretação é baseada na relevância e na informatividade e o significado alvo ainda não faz parte do item.

Já o contexto *switch* é incompatível com alguma propriedade do significado fonte, o que leva a uma interpretação somente do significado alvo, ficando, assim, este em primeiro plano e aquele, em segundo plano. Esse aspecto pode ser explicado a partir de Heine (2003) quando ele afirma que, no processo de gramaticalização de uma forma linguística, algumas propriedades (morfossintáticas, semânticas, pragmáticas) são

¹ “O que caracteriza esse desenvolvimento é uma extensão gradual em que cada contexto constitui um novo local de mudança”.

perdidas, enquanto outras são adquiridas, além de o elemento preservar traços da forma fonte. Com isso, ao chegar ao estágio do contexto *switch*, há algumas incompatibilidades dado o fato de que o item já perdeu várias das propriedades da forma fonte e ganhou algumas características do novo domínio. Heine (2002) dá expressiva importância ao contexto *switch*, afirmando que ele é o responsável pelo processo de mudança, na medida em que a leitura mais abstrata não é apenas uma inferência, mas começa a fazer parte do item. Entretanto, diferentemente de significados convencionalizados, o significado que aparece no contexto *switch* ainda precisa ser sustentado por correlatos formais específicos, já que, além de perdas e ganhos, há preservação de traços da forma fonte.

De acordo com Heine, a maioria das inferências contextuais é confinada ao contexto *bridging*, isto é, são descritas como “significados contextuais” ou “significados pragmáticos”, advindos de uma inferência, como explicitado acima. Algumas delas, porém, passam a ser cada vez mais frequentes até não mais precisar de elementos do contexto para ser sustentadas. Quando isso ocorre, há *convencionalização*, em que o significado alvo passa a fazer parte do item, ou seja, faz parte da polissemia da palavra. Essa característica faz com que o elemento possa ser usado em novos contextos, inclusive podendo coocorrer com o significado fonte na mesma cláusula.

Os diferentes tipos de contextos discutidos acima podem ser descritos em termos de estágios distintos, resumidos no quadro a seguir:

Quadro 1: modelo do contexto

Estágio	Contexto	Significado resultante
I Estágio Inicial	Não restrito	Significado fonte
II Contexto <i>Bridging</i>	Há um contexto específico que dá origem a uma inferência em favor de um novo significado.	Significado alvo em primeiro plano.
III Contexto <i>Switch</i>	Há um novo contexto que é incompatível com o significado fonte, mas, para esse significado ser sustentado, ele precisa do contexto que lhe deu origem.	Significado fonte em segundo plano.
IV Convencionalização	O significado alvo não precisa ser sustentado pelo contexto que lhe deu origem. (uso em novos contextos)	Apenas significado alvo.

(HEINE, 2002, p. 86)

O corpus

Para alcançar nossos objetivos, recortamos dados de apenas uma sincronia (século XIX). Hopper e Traugott (2003) destacam que, apesar de a mudança linguística só poder ser comprovada na diacronia, em uma sincronia há indícios de mudança, o que significa que é possível recuperar aspectos da diacronia. Desse modo, entendemos que é possível e relevante o estudo sincrônico da mudança linguística.

Os dados apresentados são provenientes da amostra de escrita *Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do século XIX* (BARBOSA; LOPES, 2006) e integra parte do material disponibilizado pelo *Projeto para a História do Português Paulista*. A amostra estudada é composta de 179 cartas de leitores e redatores

de jornais e revistas paulistas do século XIX. A opção por esse *corpus* se baseia no fato de que *carta* é um gênero textual escrito heterogeneamente constituído, no sentido de que é representativo de práticas orais e letradas.

As cartas que compõem o *corpus* selecionado se caracterizam por apresentar teor narrativo e principalmente argumentativo, o que propicia a manifestação do fenômeno investigado: os usos sequencial e conclusivo de *então*.

No *corpus* analisado encontramos 19 ocorrências de *então*. Desse total, 03 delas veiculam função sequencial e 06 apresentam função conclusiva. Os exemplos ambíguos contabilizam 04 ocorrências. O restante de ocorrências é característico de outras funções de *então*.

A mudança tempo>conclusão

Na mudança de *então sequencial temporal* para *então conclusivo*, um item do domínio cognitivo *tempo* passa a ser utilizado para codificar uma função em um domínio mais abstrato como *conclusão*. Assim, como já mostrado por Tavares (2003), a partir da amostra diacrônica estudada, a sequencialidade temporal de eventos deu origem à sequenciação causa > efeito no discurso, já que a consequência é posterior à causa.

Como mencionado anteriormente, essa projeção metafórica capta a face discreta da mudança. Para captar sua gradualidade, mostrando a importância do contexto linguístico nesse desenvolvimento, apresentamos, abaixo, exemplos de *então* em cada um dos estágios referidos no quadro 1. Cumpre salientar que, dados os recortes estabelecidos, denominamos significado fonte o uso sequencial temporal, e significado alvo, o uso conclusivo.

Vejamos a ocorrência apresentada em (4):

- (4) Oh! meu prezadissimo amigo, vou por meio d'esta | comprimentar-lhe; pois olhe que *vossa mercê* não sabe o quan- | to eu me devirto n'esta bella cidade; de manhã no ma- | nejo, isto é, pelas 6 horas da manhã (...) depois vae-se tomar chá, passear pelas ruas, | beber vinho, ou o que se quer e muito boa prosa; ein. Toca | ordem do dia, isto é, reunem-se todos os volunta- | rios para o jantar; ora vem **então** uma libra de carne | de vaca muito boa, ou uma dita de bacalháu. Toca 4 | horas, **então** vae-se ao exercito até 6 horas da tarde. (19CL; 465)²

Nessa passagem, há duas ocorrências de *então*, que, embora diferentes quanto ao estatuto sintático, assumem função *sequencial temporal*. Nessa carta, temos um texto basicamente narrativo, no qual o escrevente conta a ordem dos acontecimentos no dia, o que pode ser ratificado pelo tempo dos verbos encontrados (“vai-se”...“toca”...“reúnem-se”...“vem”...“toca”...“vai-se”) e pelo uso do elemento “depois”. Da mesma forma, os eventos introduzidos pelo item em foco é uma sequência no tempo do evento anterior. Temos, então, um estágio inicial, com um contexto não restrito, nos moldes de Heine (2002). Vejamos outra ocorrência:

- (5) Domingo passado, que se contaram 15 | dias do corrente mez de outubro, todos | nós presenciámos que fez grande ventania | pela volta do meio dia. Possuia eu um | galo, que sahio á rua por aquella mesma | hora, e o vento o fez arribar a uma loja | de ferragem da rua do Commercio; – o lo- | gista logo que viu a presa nos seus do- | minios lançou-lhe as garras e entregou a | pobre ave

² Com relação a essa sigla, 19 se refere ao século do *corpus*, CL significa que é uma carta de leitor e CR significa que é uma carta de redator; o número 465 se refere ao número da carta no *corpus* (as cartas paulistas vão do número 389 a 568).

a um moleque, indicando – ao | mesmo tempo a sua moradia – e descon- | fiando que o moleque se poderia enganar | com a casa partio atraz do mesmo. Eu | que presenciava o facto, dirigi-me **então** à loja | – reclamando a minha propriedade e | o caixeiro da loja respondeu-me que não | poderia entregar-me sem ordem de seu | amo. (19CLR; 449)

No segundo estágio, chamado por Heine de contexto *bridging*, temos uma ocorrência ambígua, na medida em que *então* admite duas leituras, a de sequencial temporal e a de conclusivo. No primeiro caso, o evento encabeçado por *então* (“dirigi-me”) é uma sequência no tempo do evento anterior (“presenciava o fato”). O contexto narrativo da carta confirma essa leitura. Contudo, há algumas pistas contextuais que favorecem uma interpretação conclusiva. O segundo evento mencionado, além de ter ocorrido depois do primeiro, ocorreu *por causa* dele (ele presenciou o fato, por isso se dirigiu à loja). Observe que há uma oração de finalidade seguindo *então*, sugerindo que o deslocamento para a loja teve uma causa, uma motivação. Essa leitura não faz parte do item *então*, mas é propiciada pelo contexto que permite uma inferência em favor de uma sequencialidade lógica, em que as ações são motivadas entre si. Isso significa que, para que essa interpretação seja sustentada, é preciso atentar-se para o item dentro do contexto, para a construção como um todo. A sequencialidade lógica que os elementos contextuais permitem inferir para *então* é mais abstrata do que a sequencialidade temporal, corroborando a transferência metafórica *tempo*>*conclusão*.

Sobre a atuação do contexto linguístico, Heine (2002), Traugott e König (1991) afirmam que, nesse processo metonímico, um significado é especificado em termos de outro que está presente, mesmo encoberto, no contexto, o qual induz a uma reinterpretação mediante implicaturas conversacionais. Essas implicaturas, pelo uso frequente num mesmo tipo de contexto, podem vir a se convencionalizar, devido ao que os autores chamam de pressão da informatividade. No contexto apresentado no exemplo (5), ainda não é possível falar em convencionalização, pois a interpretação está no nível da inferência.

Consideremos agora a ocorrência em (6) sugestiva do contexto *switch*:

- (6) Vicente C. França Carvalho, o bom e distinto companheiro desde a fundação do nosso periodico, foi-se, deixando-nos sós, com os olhos embaciados de lagrimas, a traducção da saudade, que nos vai pelo coração. || Também deixou-nos Torquato Pinto Gonçalves, o nosso redactor. || **então**, enluctados com a ausencia dos antigos companheiros, chamámos á nossa pequenina tenda de combate dous novos lidadores, duas novas intelligencias na lucta pelo saber e pelo amor á Patria. || São elles: Valdomiro Silveira e Ermeliano Leão. (19CR; 507)

No terceiro estágio, encontramos a atuação do contexto *switch*. Quando o item *então* se encontra nesse contexto, a leitura temporal não é mais adequada; apenas a leitura codificada pelo significado alvo, ou seja, do significado mais gramaticalizado, está em relevo. Nesse contexto, há duas ações encadeadas no tempo: primeiro, os dois redatores do jornal *faleceram*, depois os diretores do jornal *chamaram* dois novos companheiros. Entretanto, esses dois eventos estão muito implicados entre si, pois somente chamaram novos redatores devido ao falecimento de outros. Persiste a ideia de sequencialidade, porém mais abstratizada, já que a sequencialidade se dá no nível do discurso, de causa e efeito, enquanto que a sequencialidade no tempo fica em segundo plano.

Nessa carta, o escrevente não apenas conta os acontecimentos do dia, mas também explica seus atos, confirmando a leitura conclusiva. Vale ressaltar que, de acordo com Heine (2002), para veicular esse significado nesse estágio, o item necessita do contexto que deu origem à inferência para ser sustentado. No caso, o contexto que

originou a inferência em favor do sentido conclusivo é o contexto narrativo, de sequenciação de eventos. Isso ocorre, pois, apesar de evidenciarmos ganhos de sentido, ou seja, o item adquiriu traços de conclusão, o traço de sequencialidade temporal ainda é preservado, embora diluído.

Diferentemente do exemplo (6), a ocorrência em (7) não mais necessita desse contexto:

- (7) *Senhores Redactores.* || Não posso deixar de queixar-me á *Vossas mercês* e ao | publico do abandono, em que se acha a estrada, | por onde costume transitar com minha tropa. (...)De meado do anno passado pa- | ra cá duas ou tres viagens tenho feito, e nada | de concertos, e a estrada arruinando se cada vez | mais, de maneira que está hoje quasi intrasitavel. || *Senhor Redactor*, eu sou paulista, e gosto de ver | os meus patricios em alguns empregos, e merecen- | do frequentes, e pomposos encomios; mas se em | [corroído] | no, e os miseros tropeiros, alem de immensos | incommodos, soffrem perdas, estragando os ani- | maes, que tão caro lhes custa, e com que tan- | to concorrem para a renda publica, **então** ou | paulista, ou fluminense, ou bahiano, com tanto que | trate mais em estradas, do que em politica. (19CLR; 441)

No quarto estágio, *então* está convencionalizado, isto é, o significado conclusivo faz parte dele; por isso ele não precisa mais do contexto de sequenciação para veicular a leitura conclusiva. Diferentemente dos exemplos anteriores, nessa carta, *então* é utilizado em um contexto fortemente argumentativo, no qual o escrevente opina a respeito de um assunto de interesse geral. Embora a propriedade de sequenciação de *então* ainda persista (agora uma sequência no *discurso*), o traço de sequencialidade *temporal* foi perdido. A frequência de uso no contexto de sequenciação possivelmente trouxe uma rotinização das implicaturas conversacionais, tornando-as convencionais (TRAUGOTT; KÖNIG, 1991; HEINE, 2002). Assim, como houve semantização, ou seja, o sentido conclusivo é inerente ao item e não mais sugerido pelo contexto, *então* pode ser usado em novos contextos, como é o caso do exemplo (7). Nessa estrutura, *então* funciona como um verdadeiro operador discursivo, que faz o discurso progredir, assumindo importante dimensão argumentativa. O elemento em estudo apresenta, nesse caso, uma propriedade de finalização, com característica fortemente anafórica, pois retoma toda a porção textual anterior, concluindo e finalizando um tópico

Desse modo, nota-se a gradualidade da mudança sofrida por *então* nas funções em foco, e assinalada a importância da análise contextual para a descrição do processo. No quadro abaixo, apresentamos uma sistematização do modelo de contexto de Heine com relação às funções sequencial e conclusiva de *então*.

Quadro 2: a mudança tempo>conclusão conforme o modelo de Heine (2002)

Estágio	Contexto	Significado resultante
I Estágio inicial	Duas ou mais ações em sequência no tempo.	Sequenciação temporal
II Contexto bridging	Duas ações em sequência temporal, que podem ter um encadeamento lógico, ou seja, uma implicação, em que uma ação é a causa e a outra o efeito.	Conclusão em primeiro plano
III Contexto switch	Não é mais possível a leitura temporal, já que há sempre uma motivação ou implicação entre as ações e não apenas uma sequência no tempo. O contexto que deu origem à inferência é preservado para a sustentação dessa leitura.	Sequenciação temporal em segundo plano.
IV Convencionalização	A leitura conclusiva está sendo usada em um novo contexto, ou seja, não é mais preciso ser sustentado pelo contexto que lhe deu origem.	Conclusão

Assim, é possível perceber que, do significado fonte (sequenciação temporal) para o significado alvo (conclusão), houve uma abstratização de significado propiciada pelo contexto linguístico, o qual pressionou para uma interpretação de sequencialidade no tempo para sequencialidade no discurso. Os dados trazidos para a análise são de apenas uma sincronia, o que não descarta que o mesmo quadro pode estar ocorrendo na sincronia atual, em que há o uso temporal, ambíguo e conclusivo. Por ser um estudo sincrônico, temos apenas o retrato do que ocorreu e do que pode estar acontecendo com o item *então*.

Considerações finais

A trajetória de gramaticalização percorrida por *então* apresentada neste artigo confirma a proposta de Hopper e Traugott (2003), Heine et al. (1991) e Heine (2002; 2003) de que o processo de gramaticalização é unidirecional, havendo uma mudança no sentido à abstratização de significado. Esses autores também dispensam grande importância ao contexto linguístico, já que ele é o responsável pela mudança semântica. Eles afirmam que a gramaticalização requer contextos apropriados para ocorrer e, quando um item passa a ser usado em um novo contexto, ele permite uma inferência em favor de um novo significado, possibilitando a alteração semântica e possível convencionalização. Como verificado, esse processo é lento e gradual, pois a mudança por gramaticalização pressupõe estágios de ambiguidade e o modelo de contexto de Heine (2002) destaca a importância dessa gradualidade no desenvolvimento de formas gramaticais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, A. G.; LOPES, C. R. S. (Orgs.) *Críticas, queixumes e bajulações na imprensa brasileira do século XIX: cartas de leitores*. Rio de Janeiro: UFRJ/ FAPERJ, 2006. 376 p.

HEINE, B. On the role of context in grammaticalization. In: WISHER, I. (Ed.) *New Reflections on Grammaticalization*. PA, USA. Johns Benjamins, 2002. p. 83-99.

_____. Grammaticalization. In: JOSEF, B. D.; JANDA, R. (Orgs.) *The handbook of historical linguistics*. Blackwell Publishing, 2003. p. 575-601.

HEINE, B. et al. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991. 328 p.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. 300 p.

MARTELOTTA, M. E.; SILVA, L. Gramaticalização de *então*. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Orgs.). *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 221-235.

PEZATTI, E. G. O advérbio *então* já se gramaticalizou como conjunção? *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 81-95, 2001.

RISSO, M. S. O articulador discursivo *então*. In: CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (Orgs.). *Gramática do Português Falado*. Vol. IV. Campinas: UNICAMP/ FAPESP, 1996. p. 423-451.

TAVARES, M. A. *Um Estudo Variacionista de Aí, Daí, Então e E Como Conectores Sequenciadores Retroativo-propulsores na Fala de Florianópolis*. 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

_____. *A gramaticalização de e, daí, aí e então: estratificação / variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 308f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TRAUGOTT, E.; KÖNIG, E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Eds.). *Approaches to Grammaticalization*. Vol.1: Focus on Theoretical and Methodological Issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. p. 189-218.